

## O HABITUS GUERRILHEIRO E AS FORÇAS ARMADAS REVOLUCIONÁRIAS DA COLÔMBIA (FARC-EP)

Há alguns anos, estou pesquisando as nuances da vida comunitária que se tece no interior das FARC-EP.<sup>1</sup> Sem dúvida, a primeira impressão que se pode tirar desse esforço é que as interações humanas nesse grupo são marcadas por fortes traços militares, os quais incidem na dinâmica emocional dos guerrilheiros. De fato, sabe-se que a manifestação dos sentimentos não é igual para todos os seres humanos. A exteriorização das emoções individuais depende da aprovação ou desaprovação dos outros. A linguagem emocional de cada pessoa está permeada pelas formas de expressões afetivas preestabelecidas pelo contexto social no qual se move. A definição dessas formas de expressão depende, em grande medida, da maneira como cada grupo humano percebe a vida.

Na guerrilha, a vida é concebida como força de resistência social, usada para lutar contra aqueles que são apontados como inimigos. Sua conservação dependerá do poder de ataque e de defesa desenvolvido por cada um de seus membros. Para estimular a capacidade de luta física, no meio do conflito armado colombiano, o grupo desenhou uma estrutura de vida em comum, regida por códigos de conduta que delimitam as possibilidades de expressão de pensamentos e sentimentos dos guer-

JESUS IZQUIERDO

### RESUMO

Este artigo é uma tentativa de compreensão da formação do *habitus* guerreiro nos integrantes do movimento guerrilheiro colombiano, FARC-EP. A abordagem que o autor faz tem como foco a dinâmica da vida emocional dos homens e mulheres que integram esse movimento. Aproximando-se da incidência da força coercitiva de interdependências mútuas entre indivíduos e grupos rivais, de códigos disciplinares e princípios ideológicos de cunho revolucionário, o objetivo é perceber as formas peculiares que os guerrilheiros desenvolveram para lidar com seus sentimentos.

### ABSTRACT

This article is an attempt to grasp the meaning of a warlike *habitus* buildup found within the ranks of the Colombian guerilla movement called FARC-EP. The author approaches the dynamics of the lives of men and women following an emotional framework that shape up that organization. The goal is to determine the incidence of a coercive drive found not only between individuals but also rival groups, with its system of rules and ideological principles of a revolutionary nature, in order to determine distinctive forms that the guerillas have developed to deal with their feelings.

\* Graduado em Filosofia e Teologia, Mestre em Teologia Dogmática e Doutor em Sociologia. Bolsista do programa CDI/PRODOC da CAPES.

rilheiros. Com a aplicação desses códigos, o grupo pretende formar, em seus integrantes, uma estrutura humana treinada para desenvolver atividades militares, compatíveis com o espírito revolucionário que o norteia.

No desenrolar de ações militares, eventos como ferir, ser ferido ou, se for necessário, matar o opositor são vistos como fatos decorrentes da vida guerrilheira e não como algo extraordinário. Guerrilheiros não têm férias. Atividades de treinamento, planejamento ou execução de combates contra os inimigos fazem parte do seu cotidiano. E é na inércia desse cotidiano, que eles vão desenvolvendo um saber social, que aqui denomino de *habitus*<sup>2</sup> guerreiro, o qual os torna intolerantes com as pretensões individuais dos outros 'companheiros', implacáveis com as limitações próprias de sua condição humana, zelosos dos interesses coletivos e determinados no combate a tudo aquilo que possa ser considerado pelo

grupo como desprezível. Na guerrilha, revelar-se física ou emocionalmente como fraco significa correr o risco de ser estigmatizado e, posteriormente, desprezado pela coletividade, dado que o grupo prioriza aqueles que correspondem às suas exigências. As interações entre 'companheiros' são marcadas pela severidade no trato e pelo elevado controle emocio-

nal. Ali, não há margem para manifestações afetivas de delicadeza ou ternura. Assim, num período de tempo prolongado, manifestações de pensamentos, comportamentos e sentimentos adquirem os traços característicos de um tipo de vida comunitário de ordem eminentemente militar.

A observação empírica da vida humana nos ajuda a perceber que, embora os sentimentos estejam ligados à intimidade individual, a maneira como são manifestados denotam características próprias de um contexto social específico. Assim, a dinâmica dos sentimentos não pode ser vista como algo estritamente individual, nem como clarão de uma força coletiva, e sim como uma realidade individual e social.

A dinâmica emocional dos guerrilheiros não tem importância na experimentação de tal ou qual sentimento. A ênfase que o grupo dá a esse fato recai nas ações que cada um deles pode desencadear. Inserido no seio de uma vida comunitária regida por fortes traços militares, espera-se do guerrilheiro desapego à família e às coisas materiais, disposição e coragem para o confronto armado, obediência às normas e fidelidade à causa revolucionária. No processo de inserção na guerrilha, a formação do *'homem revolucionário'*, só será alcançada quando o indivíduo conseguir construir seu orgulho, seu amor-próprio e sua distinção social como integrante do grupo.

### **“A gente se prende a essas idéias”**

Quais são os traços característicos do *habitus* guerreiro nos membros das FARC-EP? Para termos uma resposta, poderíamos partir da descrição da figura do comandante contida no Estatuto dessa organização. O texto afirma que o comandante deve:

*Ter capacidade militar e dom de mando. Ter dois anos na fila desempenhando tarefas indicadas e haver observado boa conduta. Haver mostrado interesse por elevar o nível ideológico dos combatentes. Ter cumprido e defendido as determinações dos organismos superiores*

*das FARC-EP e haver-se destacado na obediência às normas disciplinares. Ser militante ativo da organização política. Saber orientar-se em situações difíceis, ser sereno, corajoso, reflexivo, respeitoso dos demais e modesto. Ter caráter revolucionário, elevada moral e estar dotado de honestidade exemplar. Haver manifestado profundo respeito pelos interesses da população civil, portar-se corretamente com ela e conquistar sua confiança. Saber ler e escrever.<sup>3</sup>*

Pelas virtudes destacadas nesse texto, poderíamos concluir que o guerrilheiro é essencialmente um homem altruísta.

Ser altruísta é desvencilhar-se de qualquer ranço de egoísmo e se dispor a cuidar dos interesses de outrem; é colocar em primeiro lugar, na ordem das prioridades pessoais, o bem dos outros. A exaltação de valores cívicos, que transcendem o mero subjetivismo, é um recurso que reforça os vínculos de unidade em torno da causa revolucionária. Os líderes guerrilheiros apelam ao altruísmo para que a força desse sentimento suscite o apoio popular, evitando que suas propostas fiquem reduzidas a meras palavras.

Em seu discurso, os líderes guerrilheiros afirmam que suas lutas são feitas pela defesa da soberania nacional, pela execução de um processo de reforma agrária que solucione os problemas da população camponesa, por uma distribuição de renda mais eqüitativa, enfim, por uma série de objetivos de ordem eminentemente impessoal, que visa ao bem-estar do povo. Entretanto, na busca desses objetivos, via luta armada, o corpo dos guerrilheiros fica exposto às ações violentas dos inimigos e a vida de cada um deles é colocada em risco. Os combatentes precisam estar sempre motivados para terem a *'moral em alta'*. E é aí que o altruísmo alcança importância. Embora a dinâmica das emoções esteja ligada à ordem da intimidade pessoal, é preciso que socialmente se cultivem sentimentos que gerem disposições internas capazes de levar um indivíduo a

lutar por objetivos ligados a uma ordem impessoal. Mas, a mera motivação não basta. Para que ninguém desista de ser “*artífice da revolução*”, os líderes do movimento têm desenhado uma série de coerções. Algumas, evidentes, como o aparelho disciplinar, outras, sutis, como menções honrosas, promoções nas posições de poder dentro do grupo e discursos envolventes.

Dizia a ex-guerrilheira Dora:

*A gente se entrega absolutamente a essa estória da guerra [...], é incondicional com ela, cego, não lhe importa nada [...]. A gente se entrega com alegria, não sente que está renunciando a tudo, a formar uma família, a viver junto de um namorado, a estar perto da mãe [...]. A gente se prende a essas idéias.*<sup>4</sup>

Quando na gama das manifestações afetivas o altruísmo passa a ocupar o lugar preponderante na vida do guerrilheiro, o resultado mais imediato é que esse fato o poupa de dilemas e conflitos pessoais. Movido pela paixão pelo grupo, o guerrilheiro se dispõe a cuidar dos ideais revolucionários, sem sentir-se interiormente dividido pela interferência de outros sentimentos de ordem mais subjetiva, como o amor à família, o zelo pelo trabalho, o desejo de sucesso profissional ou a ambição de acumular capital.

Contudo, o amor à causa revolucionária, a entrega generosa às lutas populares e tantas outras moções com o mesmo teor altruísta não são o elo mais consistente para garantir vínculos duradouros. Lembrando seu ingresso na vida guerrilheira, um ex-combatente dizia para mim:

*(...) O dia que me entregaram a arma, me disseram que era para defender a pátria, para lutar pelos pobres, para que ninguém passe fome. Eu me emocionei. Quase que chorei. Mas, depois de algum tempo, comecei a sentir-me cansado de fazer todos os dias a mesma coisa. Sentia falta dos amigos e das coisas que gostava de fazer quando morava em minha casa.*<sup>5</sup>

Os sentimentos mudam. A emoção dos primórdios, com o passar do tempo, pode tornar-se tédio. Nada é mais volátil do que a afeição humana, e os líderes da guerrilha sabem disso. Nas trilhas da revolução, se o altruísmo – e outros sentimentos motivadores – perde sua força, as conseqüências poderão ser desastrosas para o grupo, porque a desmotivação individual afrouxa a unidade coletiva e mingu a furor combativo do grupo. O altruísmo manifesto na forma do amor, da amizade, do patriotismo ou do sentimento do dever social pode dar vida a importantes processos sociais. Mas, apostar em sua eficácia é arriscado, dado que ele está sujeito às vicissitudes da vida interior. Quando a intensidade do altruísmo diminui, e em virtude da unidade coletiva, torna-se necessário, para o grupo, estimular outros sentimentos que também favoreçam a vida coletiva. Nessa linha de pensamento, destaco, aqui, o valor sociológico da fidelidade.

Sabe-se que na guerrilha as interações entre seus membros se dão numa relação de dominação/submissão. O grupo tem planos estratégicos traçados em longo prazo e uma estrutura política e militar bem precisa para zelar pela concreção desses planos. O grupo é estável, correspondendo a cada novo combatente o dever de adaptar-se a ele. Nesse processo de adaptação, são desconsiderados planos, projetos e anseios pessoais da vida pregressa do indivíduo. A ruptura com o passado pessoal é inevitável. A vida em comum preestabelecida pelo grupo prevalecerá sobre as saudades do guerrilheiro, porque o ingresso de cada indivíduo é para dar continuidade ao processo revolucionário, e não para alterar seu curso. Em virtude do anterior, em mais de quarenta anos de existência, as FARC-EP têm conservado os traços organizacionais que as caracterizaram, desde suas origens.

Através da fidelidade, a instabilidade interior das pessoas cede espaço a uma participação mais firme e estável no tecido social guerrilheiro. Com uma estrutura de poder estável, objetivos definidos e códigos rígidos de conduta, esse grupo perdura e se afirma acima do ritmo subjetivo dos indivíduos que o integram. A vida emocional tem incontáveis mo-

dificações, oscilações e entrelaçamentos. Mas, a estabilidade do grupo não se vê afetada por isso, porque a fidelidade constitui-se na ponte, no meio de conciliação daquele dualismo essencial e profundo que se abre entre a pluralidade de sentimentos íntimos e a participação do indivíduo no tecido social. O guerrilheiro pode estar triste, com medo, inseguro, porém, a fidelidade o leva a obedecer à ordem dada pelo líder do grupo.

Quem entra na guerrilha sabe que seu ingresso é definitivo, que o futuro só pode ser pensado em função das possibilidades de vida que possa encontrar no grupo. Sabe, também, que não pode recuar nem pôr objeção a determinadas ordens, porque a disciplina grupal é inflexível e não tolera atos de desobediência. Se o desânimo abate é melhor não desistir. Perseverar e ser fiel é obrigação, porque na guerrilha a *deserção consciente* e a *desobediência* são consideradas faltas graves, que se punem severamente, quase sempre com fuzilamento. Assim, o valor sociológico da fidelidade se explicita naquele poder que leva o indivíduo a se manter unido ao grupo, mesmo depois de perceber que suas expectativas não foram satisfeitas e que, embora não concorde com as decisões dos líderes, seu dever é obedecer e manter-se leal ao grupo.

### **“Ódio para quem nos odeia”**

Seja na defesa ou no ataque, não há dúvida de que os líderes guerrilheiros têm demonstrado extraordinária habilidade para estimular, nos combatentes, sentimentos adequados a diversas circunstâncias. Existe melhor estímulo para uma luta física que o fato de odiar o opositor? Mas, como um guerrilheiro pode odiar um empresário capitalista, um soldado das forças do Estado ou algum membro de um grupo paramilitar se, sequer, os conhece? O ódio ao qual me refiro não é pessoal; esse sentimento corresponde à esfera do social. De fato, o *‘ódio social’* é a rejeição de que padece um grupo ou um de seus membros porque suas ações atingem outro grupo que se revela como opositor. Tal rejeição não se justifica em razão de motivos pessoais, senão, na medida em que o outro representa uma ameaça para

a existência do grupo que se quer proteger. Sem dúvida, o *‘ódio social’* é um dos sentimentos que mais tem impelido os guerrilheiros a se resguardarem de grupos inimigos com firmeza e determinação. Odiar membros de grupos inimigos, não por razões pessoais, mas por significarem um perigo à existência da própria coletividade, tornou-se uma estratégia sociológica extraordinária de auto-afirmação guerrilheira. Na rede de interações entre grupos opostos, partindo do princípio de que o *‘ódio social’* é recíproco entre os contendores, o antagonismo entre eles se agrava, deflagrando as mútuas agressões e abrindo curso a uma sucessão de confrontos e embates sem um fim previsível.

O ódio aos grupos inimigos foi construído socialmente e cultivado no decorrer da vida guerrilheira, passando a ser um dos sentimentos que têm trazido mais resultados na dinâmica de configuração guerrilha/guerrilheiro. Ouvindo diversas experiências do processo de formação a que são submetidos os guerrilheiros, percebi que o desenvolvimento desse sentimento acontece, principalmente, pela influência de um conteúdo discursivo que reafirma duas realidades excludentes entre si. No primeiro momento, o acento recai sobre a razão de ser das lutas populares. Nele, o indivíduo é levado a olhar para seu grupo e reconhecer a grandeza das façanhas coletivas, a galhardia daqueles que foram seus membros e que legaram um exemplo de coragem e fidelidade à revolução. Exaltam-se a nobreza de suas lutas e a singularidade de sua coragem. No segundo momento, o grupo aponta aqueles que são considerados culpados pela estagnação política, econômica e cultural do povo colombiano e conclama a disposição de todos os seus membros para lutarem e para transformarem esse estado de dominação e de abuso de poder que impera no país. Dessa forma, reafirmando os valores da guerrilha e denunciando os atropelos das elites dominantes, é perceptível que a intenção dos argumentos é instigar sentimentos de aversão, de forma a que os guerrilheiros se sintam motivados a descarregar suas paixões e a reparar a burla feita pelos *‘opressores’* do país.

O *ódio social* se alimenta na medida em que se evidencia a culpa. Por isso, no discurso veemente dos líderes guerrilheiros, as iniciativas tomadas pelo governo sempre são vistas com desconfiança. Ao rejeitarem qualquer ato governamental, eles encontram mais suporte para argumentar a nova ordem que tentam instaurar pelo fragor das armas. Mas, para que isso seja possível, para que a máquina de guerra das FARC-EP avance na direção da tomada do poder do Estado, eles afirmam que é preciso suprimir os responsáveis pelo processo de pauperização do país. Acusam as elites de aplicar métodos cruéis de exploração e dominação social. E assim, à medida que afloram as acusações, no imaginário do guerrilheiro raso, os opositores da guerrilha vão adquirindo uma configuração humana com traços indecifráveis de perversidade. Nesse processo de construção, o opositor é desenhado como inimigo *'monstruoso'*, cuja imagem contrasta com a da guerrilha: um movimento de vanguarda, com potencial político e militar para deixar profundas marcas de renovação na história nacional.

A estrofe que se segue, integrante de um poema revolucionário, pode ser a síntese da visão que a guerrilha tem do inimigo. Eis o texto:

*Tu, um bravo da força brutal / Soldado militar / tu que és um Sansão / e queres acabar com aqueles que não o são / Tu que me fostes entregar / Sem nenhuma razão à autoridade / Se te acabaram esses dias de glória / Nos quais maltratavas pessoas inocentes / Agora estamos aqui, somos um povo armado / Que procuramos a justiça / Arrasando o malvado / Buscamos o bravo e aquele que nos ofendeu.*<sup>7</sup>

Sob essa percepção do opositor como um perigo, a guerrilha tenta ativar o *ódio social* em seus membros para que estes se disponham a combater aquele.

Tomado pelo ódio, o combatente mantém um sentimento de repulsa por aqueles que o grupo

aponta como seus inimigos. A rejeição por estes se exprime das mais diversas formas. Como exemplo disso pode-se destacar a maneira através da qual os guerrilheiros se referem aos seus opositores: *'abutre'*, *'urubu'*, *'piranha'*, *'praga'* e tantos outros adjetivos pejorativos. O fato de repudiar o inimigo afirma no guerrilheiro sua identidade revolucionária, reforça a autoconfiança em seu potencial bélico e lhe permite experimentar certo contentamento com sua condição de membro de um grupo de resistência social. Embora o *ódio social*, como todo sentimento, seja experimentado por um indivíduo concreto, uma vez disseminados seus efeitos nos guerrilheiros, este se torna um componente fundamental para articular estratégias e projetos que só beneficiam o grupo, passando a ser uma das formas, através das quais, a guerrilha tem conseguido manter em suas fileiras tantos homens e mulheres, dispostos a arriscar tudo pela causa revolucionária. Sem a implantação do ódio no coração do guerrilheiro, o conflito armado na Colômbia não teria a mesma vivacidade, nem os grupos manteriam a mesma relação de coerção mútua que os define, reafirma e vitaliza.

### **“Aqui está tudo bem”**

O conhecimento de outrem, ainda que aconteça num ambiente livre de coerções, estará sempre limitado às revelações que o outro faça através do agir e do falar. Só podemos saber algo dos outros, na medida em que estes agem e falam. Dessa forma, o conhecimento que os guerrilheiros têm uns dos outros – baseado nas ações e falas mútuas – é extremamente limitado, se levarmos em conta que o uso da palavra é feito racionalmente e que suas ações nunca são totalmente individuais. Contudo, para encontrar apoio em outrem, o guerrilheiro não precisa conhecer profunda e totalmente o *'camarada'*, nem saber de seu passado, do que pensa ou do que sente, basta ter certeza de que ele pertence ao mesmo grupo.

Esse saber relativo do outro é extensivo também ao grupo. O conhecimento da dinâmica coletiva é condicionado ao lugar que o indivíduo ocupa na distribuição dos cargos de poder da organização. Aquilo que é de interesse comum, e que não com-

promete a integridade do grupo, é comentado e comunicado abertamente. No entanto, as ações militares que dão vida e conteúdo à existência coletiva, embora sejam de interesse comum, quase sempre ficam reservadas ao sigilo dos comandantes. Só eles conhecem os planos gerais dessas ações. A participação dos guerrilheiros rasos justifica-se pela força individual que aportam às ações combativas. Eles são informados com poucas horas de antecedência, e, em tom imperativo, são distribuídas as responsabilidades para executar tal ou qual operação. Induzidos a participar de uma determinada ação, não têm direito a contestação. Suas opiniões ou motivações são sempre dispensadas pelos comandantes.

Assim, na arte da guerra, a habilidade para lidar com o secreto contribui, sobremaneira, para alcançar o sucesso militar, dado que este depende da capacidade de atacar, de surpresa, graças ao encobrimento dos detalhes das ações. Os comandantes evitam que vazem informações como forma de impedir mudanças inconvenientes e surpresas desagradáveis, que coloquem em risco o almejado sucesso militar. É por isso que na guerrilha a informação estratégica sempre fica amparada pelo sigilo de poucos. Ainda que, por ocasião do seu ingresso, o indivíduo manifeste inteira disposição para entregar-se ao grupo, isso não basta para tornar-se totalmente confiável.

Sob o olhar das FARC-EP, tal como se lia no Estatuto, o guerrilheiro possui *caráter revolucionário, elevada moral e honestidade exemplar*. No entanto, no andamento da vida cotidiana, o tratamento disciplinar que o grupo dá a seus membros é rígido, porque a imagem do homem revolucionário, traçada no Estatuto, não é mais que uma aspiração ideal. Na prática, o guerrilheiro é visto como um homem volátil, no estado intermédio da entrega total que o grupo espera. Se o comprometimento com a causa revolucionária fosse pleno, não haveria de guardar segredos nem de ativar dispositivos disciplinares. Mas, apelar para tais artifícios é conveniente, porque em virtude da faculdade de pensar, que é tão própria

dos seres humanos, cada indivíduo é suspeito por excelência. Essa suspeita não pode ser evitada, até mesmo, pela conduta exemplar demonstrada no dia-a-dia da vida guerrilheira, dado que a capacidade de pensar implica também, ainda que hipoteticamente, a possibilidade de mudar de idéia. E é esse fato que dá sustento ao secreto e, conseqüentemente, que justifica a desconfiança espalhada nas interações sociais entre os guerrilheiros.

O processo de inserção na guerrilha é rápido. Desde o início o calouro participa de diversas atividades: treinamentos militares, cumprimento dos horários e execução de funções a ele encomendadas pelo chefe imediato. No fluxo incessante da rotina diária, a vida corre depressa, o tempo é curto e o controle das mais diversas atividades absorve a atenção e o cuidado dos comandantes. Quando ingressa um novo integrante, as possibilidades de inquérito sobre sua vida pregressa são escassas; e, também, apurar a veracidade dos dados fornecidos se torna inviável. O perigo está em que membros de grupos inimigos se infiltrem na guerrilha. Para evitar riscos, a falta de confirmação das informações prestadas é suprida pela suspeita generalizada.

A suspeita que caracteriza a vida em comum encontra seu fundamento na hipótese de possíveis traições, delações que possam colocar em risco a estabilidade e o futuro do grupo.<sup>8</sup> A desconfiança, como atributo pessoal, é desenvolvida pelo guerrilheiro, quase sempre, por coação do líder. Dialogando com alguns guerrilheiros, era comum ouvi-los afirmar que, depois do ingresso, o comandante os chamava para indagá-los sobre sua vida pessoal e orientá-los sobre a forma de se relacionar com os outros ‘*companheiros*’. Ele pedia que quando entrassem em contato tivessem cuidadosa discrição, isto é, que ao falarem sobre si próprios, preservassem detalhes de sua vida pessoal e dissessem estritamente o necessário, porque – segundo os comandantes – nunca se sabe, ‘*realmente*’, com quem se está tratando.

Orientado a guardar segredos, o guerrilheiro

tem como desafio lidar com a incessante interação social, na estreita relação a que é submetido na vida cotidiana. A distribuição dos espaços nos acampamentos guerrilheiros ocasiona contato físico constante. A divisão do trabalho impede que os combatentes assumam atitudes de indiferença mútua. No cerco comunitário, passar despercebido se torna impossível. Assim, obrigado a se comunicar com reserva, o guerrilheiro passa a agir de forma racional, calculada e metódica, perante os demais membros do grupo.

Expor abertamente a intimidade, dividir pensamentos e/ou sentimentos, de maneira espontânea com os companheiros de luta, significa tornar-se vulnerável e correr o sério risco de suscitar desconfiança nos outros. Por exemplo, o guerrilheiro não pode dizer que está triste ou desmotivado. Na guerrilha, chama-se *desmoralização insuperável* aquele estado de tristeza profunda e de falta de motivação para atender às exigências militares. Para o grupo, quem entra nesse estado ou dá sinais dele está manifestando os sintomas de uma possível *deserção consciente*. Como dizia para mim um guerrilheiro,

*No começo, ficava meio pensativo, cabisbaixo... Aí o pessoal começou a zombar de mim. Um dia o comandante me pegou para conversar. Fez para mim um monte de perguntas. No final me olhou sério e me disse que tivesse cuidado com o que pensava fazer. Depois, um companheiro me falou que quando o pessoal fica triste é porque quer ir embora e que, talvez, ele pensasse que eu quisesse fugir. Eu levei o maior susto, porque não esperam que a gente vá embora. Eles matam antes. Depois disso, mesmo que ficasse triste, eu tentava mostrar para os outros que comigo estava tudo bem.*

Depoimentos como este nos permitem ver como a desconfiança se torna um meio eficaz de coerção social.

Chorar, ficar triste, reclamar da vida e tantas outras manifestações emocionais que denotem fragilidade são vistas como inadequadas para um guerrilheiro.

### **Sem medo para lutar**

A vida do guerrilheiro não foge à regra da condição humana. Para ele, os indivíduos que o rodeiam representam o seu universo social, a sua realidade objetiva. Na ordem das relações sociais, eles ocupam o lugar do imediato. Sendo assim, não é de surpreender que, para construir seu universo interior de representações, o guerrilheiro se condicione aos limites colocados pelo grupo, à dinâmica das interdependências e a tudo aquilo que decorre da mera existência dos outros.

As representações do guerrilheiro são elaboradas a partir da experiência da vida em comum. Elas se tornam subsídio para organizar e fazer compreensível, a si mesmo, aquilo que acontece em sua vida interior. Se observarmos o procedimento do grupo, não será difícil entendermos o porquê das ações e a singularidade das formas de manifestar pensamentos e sentimentos do guerrilheiro. Pode ser que nossa percepção imediata capte indivíduos independentes, que agem com autonomia; mas, partindo de uma análise mais aprofundada, poderemos perceber que em cada indivíduo se manifestam os traços característicos do grupo, assim como no grupo, de alguma maneira, os traços guerreiros do indivíduo se refletem.

Nada melhor para evidenciar os efeitos da simbiose do indivíduo com seu grupo do que a forma desenvolvida pelos guerrilheiros para administrar o sentimento de medo. No mundo da guerra, a administração dos medos humanos tem significativa importância, pois dela depende o nível de poder que o grupo exerce sobre seus membros bem como sobre seus inimigos. Os guerrilheiros temem os castigos do grupo e os inimigos temem os ataques militares dos guerrilheiros. Assim, é compreensível que a administração dos medos humanos seja uma das mais importantes fontes de poder sobre as pessoas.

A depender das circunstâncias, varia a forma como o grupo coage o guerrilheiro para lidar com o medo. Nos embates, espera-se um guerrilheiro disposto para a luta e desprovido de perturbações emocionais que comprometam seu desempenho. Frente ao inimigo, o medo inibe a coragem. Embora seja o indivíduo que experimente tais sentimentos no âmbito de sua intimidade, o grupo, mediante o uso de diversas práticas coercitivas, não poupa esforços para instigá-lo a vencer as limitações decorrentes do medo. Foi isso o que aconteceu com Adriana, nos começos de sua vida guerrilheira:

*Tive um combate sete semanas depois do meu ingresso. Eu estava muito assustada. O ataque era contra os “paras” [paramilitares]. Matamos uns sete. Eles mataram um dos nossos. Tínhamos que beber do seu sangue para vencer o medo. Tinham que fazê-lo somente os mais assustados, e eu era a mais assustada de todos, porque era a mais nova.<sup>9</sup>*

É possível que casos como este sejam eventuais; mas, na vida cotidiana dos guerrilheiros, o grupo faz uso de diversos mecanismos coercitivos que, embora menos drásticos, procuram o mesmo objetivo. Piadas, expressões irônicas, apelidos e qualquer tipo de zombaria reforçam o cerco do grupo ao indivíduo, acuando-o para que lide com seus medos, para que lute como se eles não existissem. Não se trata de exorcizar os medos; o que interessa ao grupo é que estes não sejam obstáculo à disposição combativa do guerrilheiro. O indivíduo pode sentir-se fraco, mas o grupo deve mostrar força; e, sobre esse ideal de força, é que a guerrilha quer construir sua autoimagem coletiva.

A arte pode nos ajudar a mergulhar na percepção dessa realidade. Numa música alusiva ao movimento, podemos captar a auto-imagem das FARC-EP como força combativa. A música diz assim: “Desde criança me perseguem / Mas não me podem matar / Me sinto muito orgulhoso / De ser um guerrilheiro das FARC / Pegar meu fuzil em mão / Essa foi minha conclusão / Gritemos todos irmãos / Viva a revolução”.

Em cada expressão está plasmada a representação que o grupo faz de seus membros. O imperativo coletivo é ‘*não ter medo*’. Para o grupo, o guerrilheiro é, essencialmente, um combatente destemido, que encontra prazer em lutar e que faz do risco sua principal distração. Apaixonado por sua pátria, movido por um sentimento nacionalista, os ideais revolucionários são, para ele, o elixir miraculoso que conforta e justifica qualquer empreitada.

No ato de encarar os desafios da guerra revolucionária, o medo joga um papel importante. Suscitar medo no guerrilheiro pode ser a melhor maneira de ativar seus mais profundos instintos de sobrevivência. Nessa perspectiva, os comandantes colocam em destaque a vulnerabilidade da existência humana. Quase todos os guerrilheiros entrevistados lembravam que nos momentos de formação, o líder dava ênfase à capacidade de destruição que têm os inimigos da guerrilha. Mediante a eloquência de um discurso bélico, aparentemente baseado em dados reais, ele reforçava o sentimento de medo, a ponto de levar o guerrilheiro a prestar o máximo de atenção em cada ação realizada. Para eles, o cuidado excessivo na execução das tarefas rotineiras é o segredo para anular qualquer margem de possibilidade de se tornar vítima dos ataques inimigos.

Há também um outro discurso que tenta minuar o medo para provocar o efeito inverso. Antes de entrar em combate, o líder reúne os membros do grupo e, com palavras inflamadas, tenta inebriá-los de coragem, enaltecendo a bravura de cada combatente. Para entrar no campo de batalha, é necessário que todos se sintam heróis absolutos, valentes guerreiros, verdadeiros soldados do Exército Popular que luta para realizar sua missão histórica: a de derrotar a exclusão social no país. A exaltação da coragem e da capacidade de combate pode produzir equilíbrio interior e um sentimento ideal de poder que dá sustento à vontade de luta e antecipa a sensação de vitória.

### **As saudades do guerreiro**

Lembrando-se dos seus primeiros dias na guerrilha, Rosa Flor falou para mim:



*Quando cheguei ao acampamento, não fazia outra coisa senão chorar. Chorava muito. Um cara se aproximou de mim e me disse: ‘meninos não choram’. Fiquei com raiva e falei para ele: ‘eu não sou menino’. Sentia-me muito mal. Não parava de pensar em minha mãe e na aflição que ela deveria estar passando porque eu não voltei mais para casa.<sup>10</sup>*

No começo da pesquisa de campo, a primeira impressão que ficou, para mim, foi a de que a guerra faz dos guerrilheiros pessoas extremamente racionais, introvertidas, pouco sociáveis, afetivamente menos calorosas e muito desconfiadas. A rejeição da tristeza de Rosa Flor por parte de seu companheiro poderia confirmar essa impressão. No entanto, na medida em que consegui estabelecer um contato mais próximo, pude percebê-los como seres sensíveis, ávidos de afeto e carentes de relações humanas.

Em conseqüência do rigor das normas, as relações sociais no mundo guerrilheiro parecem perder seu brilho. Cada combatente convive com estranhos, e esse fato é inevitável: para cada um deles, o grupo é seu único referencial de convivência humana, dado que todos os vínculos sociais preexistentes à inserção no grupo foram quebrados. Embora não exista uma proibição geral manifesta, só se permite estabelecer contato com a família sob a permissão do chefe imediato. Contudo, quando indagados sobre as visitas familiares, quase todos os entrevistados afirmaram que, depois do ingresso na guerrilha, nunca mais retornaram às suas casas nem conseguiram manter qualquer tipo de comunicação.

O fato de regular os vínculos afetivos externos tornou-se um instrumento eficaz para favorecer a coesão interna do grupo. Omar, um jovem guerrilheiro, afirmou: “Nunca tive permissão para ver minha mãe. Ela morava perto, a um dia do acampamento. Todo dia pedia permissão. Não me deram razão. Somente diziam: ‘melhor esquecer tua mãe’. Sentia-me muito mal porque é o ser mais querido que a gente tem”.<sup>11</sup> O que interessa aqui é observar as conseqüências de ordem emocional que resultam

da separação do combatente de sua família. Além de oferecer maiores garantias de segurança e proteção para o grupo, romper com os vínculos afetivos familiares e/ou sociais alheios à guerrilha contribui, significativamente, para desencadear um processo de interdependência mútua entre os membros do grupo.

Sem opções de escolha, é com os companheiros que integram o grupo que os guerrilheiros dividem as tarefas, assumem compromissos, partilham alegrias e tristezas e tecem novos relacionamentos, sejam eles conjugais ou de amizade. Estreitados no dia-a-dia do conflito armado, os vínculos afetivos dos guerrilheiros têm no contato físico a medida de sua durabilidade. A vontade individual não conta no momento de cultivar as amizades; ela fica sujeita à força das circunstâncias, à duração da permanência dos envolvidos no grupo que os congrega. Embora a organização prevaleça, as unidades pequenas que tecem sua base são mutantes. Elas se alteram, entre outras causas, pelos constantes deslocamentos, pela periódica reestruturação interna, pelas deserções ocasionais e pela súbita morte nos combates.

O cultivo de relações amorosas no contexto da guerra sempre terá percalços. A primeira dificuldade com a qual os amantes terão que aprender a lidar são as normas do grupo. De fato, assim como todas as suas manifestações vitais, a vida afetiva e sexual do guerrilheiro é submetida às exigências das normas. Em grupos como a guerrilha, integrados por homens e mulheres que vivem nas mesmas condições e repartem entre si as tarefas da vida em comum e habitam o mesmo espaço, para manter a ordem e a disciplina será necessário que se apliquem severas medidas de aproximação e de distanciamento entre as pessoas. A rigidez dos horários, a divisão de funções, a primazia do coletivo sobre o individual, entre outras características dessa vida em comum, tornam-se, para os guerrilheiros, coerções que regulam as interações mútuas.

Os vínculos afetivos estão subjugados aos interesses da organização, tal como afirma o comandante Lucero:

(...) *As relações conjugais aqui não dependem do casal. O casal está em função das tarefas do movimento. Se, no movimento, as tarefas requerem separar um casal estável, ou um casal que esteja começando, eles serão separados. Enquanto contribua ao processo, o movimento faz o possível para que estejam juntos.*<sup>12</sup>

Embora não exista uma norma explícita que anule o livre-arbítrio para conduzir uma relação amorosa, no campo afetivo, as margens de autonomia individual dos guerrilheiros são bastante restritas.

Os integrantes da guerrilha são predominantemente masculinos e essa disparidade numérica entre homens e mulheres cria dificuldades no momento de estabelecer vínculos afetivos. Nesse contexto, rituais de sedução cedem espaço à abordagem direta e pouco afetuosa. Afirmava uma guerrilheira:

*Ali [na guerrilha] não existem namorados; ali, os homens de vez agarram a gente de amante, não esperam nada. Eu estava muito preocupada com isso, e comentei que não queria estar com ele pelo que me estava acontecendo, que fôssemos simplesmente namorados, e ele ria de mim: 'que namorados, se aqui não existem namorados?'*<sup>13</sup>

A abordagem da intimidade sexual priva, em muitos casos, a participação na relação de outras manifestações pessoais, como a ternura e a afeição. Essa abordagem de caráter mais físico do que afetivo exige a intervenção do grupo, o qual regula a frequência e a maneira a partir da qual devem ser vivenciados os encontros dos amantes.

Embora haja regulação sobre certos aspectos da vida comunitária, na guerrilha não há normas explícitas para determinar os comportamentos sexuais de seus membros. Na aparência, o exercício da sexualidade é totalmente liberado. Porém, o grupo,

através de normas implícitas, cerca-o de cuidados, induzindo o guerrilheiro a exercer sua sexualidade sob o domínio de novos padrões de comportamento, os quais diferem em muito daqueles adquiridos pela experiência familiar e social anterior. Desde o início, o guerrilheiro percebe que o autocontrole emocional deve ser compatível com sua nova condição e com o modelo da vida guerrilheira em comum. Cedo, ele aprende que da submissão radical às normas depende a possibilidade de estabelecer um relacionamento. A depender das carências afetivas, o guerreiro aguça o nível de controle de seus instintos e, na rotina cotidiana, ele assume o desafio de racionalizar a necessidade de amar e de sentir-se amado.

A disciplinarização da vida cotidiana dá um matiz de racionalidade à condução das relações amorosas. As normas interferem claramente no exercício da sexualidade, e o ápice dessa interferência se expressa na eliminação drástica da fecundidade feminina. Embora não se estipule nas normas, é prática freqüente na guerrilha obrigar as mulheres, mesmo as que não possuem companheiro sexual, a usar algum método contraceptivo<sup>14</sup>. O objetivo dessa medida implícita é controlar a natalidade. Mas, isso não significa dizer que a maternidade seja negada à mulher guerrilheira. Pelo contrário, a maternidade é exaltada como um dos maiores valores do universo feminino. Na guerrilha, a maternidade adquire um sentido mais 'sublime', o qual transcende a mera dimensão biológica. A mulher guerrilheira é convidada a ser mãe, mas mãe dos homens e mulheres da 'nova Colômbia', gerada por ela na abnegação e entrega corajosa à causa revolucionária.

Em um cartão postal divulgado pelas FARC-EP, por ocasião do *dia das mães*, em 09 de maio de 2004, lê-se:

*Mães na luta pelos filhos do seu povo  
/ Mães da liberdade que levam o fuzil  
no ombro / E o futuro no colo / Mães  
da liberdade que com sua ternura vêm  
arando a paz.*

É essa dimensão 'simbólica' da maternidade que a mulher guerrilheira é convidada a viver. Nas

FARC-EP, quase a totalidade das mulheres combatentes é de origem camponesa. Embora a maternidade biológica, no imaginário da mulher camponesa colombiana, seja o bem mais almejado, na guerrilha a possibilidade de engravidar e cuidar de filhos é algo racionalmente preterido. A causa para isso é simples: no mundo da guerra, não há condições adequadas para viver com segurança o período de gravidez; não há condições práticas para cuidar de bebês, e crianças de colo estorvam a vida de quem está sempre em campanha militar.

Além da impossibilidade de ter filhos, os guerrilheiros também abdicam de projetos futuros de vida conjugal. Mesmo assim, eles não se conformam a viver sem companhia. Embora saibam que na guerra o amor tem “prazo de validade,” ninguém desiste da esperança de viver um relacionamento, de ter a companhia de outrem para dar sentido aos dias que, sem amor, parecem não passar. Quando perguntei a Rosa Flor o porquê de sua deserção da guerrilha, ela foi precisa em sua resposta:

*Passei dois anos, quatro meses e cinco dias na guerrilha. Tive dois namorados. Um foi transferido e nunca mais o vi. O outro, de quem eu mais gostava, dizem que foi morto pelo Exército. Nos últimos meses fiquei sem ninguém, me sentia sozinha e uma vida assim não tem jeito.*

Escutando histórias como esta, percebi que no mundo da guerra o amor pode brilhar com todo o seu fulgor e levar quem se sente amado, a enxergar a vida com outros olhos. No meio da rotina, o amor é quase um ato mágico; ele preenche os vazios e quebra a monotonia de uma vida gasta na execução de tarefas militares.

Para os guerrilheiros, o mundo se reduz às lutas revolucionárias. Assim, o confinamento ao grupo como o único espaço de interação social, os torna mais vulneráveis e expectantes diante da possibilidade de iniciar algum tipo de relacionamento afetivo. Contudo, no campo de guerra o amor também tem

seus limites. Em verdade, o conhecimento mútuo, que sustenta e dá sentido a uma relação, encontra seu fundamento na ação recíproca de unidade ou de distanciamento entre as pessoas envolvidas. Mas, dado que o segredo é um traço característico dos guerrilheiros, a representação que os parceiros formam um do outro será sempre parcial, porque ainda que o indivíduo comunique sentimentos e pensamentos nos colóquios íntimos, nunca o fará sem reservas, sem uma dose de dissimulo. Assim, mesmo que a expectativa dos envolvidos seja usufruir as mais diversas manifestações de amor, o comando das relações afetivas na guerrilha será, na maioria dos casos, competência da razão.

Se a unidade procurada pelos amantes é, quase sempre, uma utopia, não sucede o mesmo com a construção e vivência de vínculos estreitos de amizade entre combatentes. Ainda que estas sejam construídas no emaranhado de revelações autênticas e de segredos, seu mérito radica na forma sob a qual são vividas. Mesmo que reservem para si uma boa parcela de sua individualidade, pela maneira como se entrelaçam os vínculos, as amizades dos guerrilheiros têm matizes bastante específicos. Os vínculos dos amigos se fortalecem na solidariedade que exige a divisão de funções, na comunhão de impressões das lutas revolucionárias; na celebração dos diversos acontecimentos que marcam essa vida em comum; nas circunstâncias de proximidade e na experiência partilhada da latente ameaça de separação.

Embora ocasional e, às vezes, sem muita intensidade, o amor pelos amigos é um sentimento que pode fortalecer a unidade do grupo e estimular a permanência dos indivíduos nas fileiras da guerrilha. A lembrança dos momentos vividos com os compaheiros, para muitos guerrilheiros, torna-se a marca que dá sentido e distinção a fragmentos de sua existência nos tempos de guerra. É isso o que afirma a ex-guerrilheira Dora Margarita:

*O mais duro da guerra é a morte, a perda dos companheiros. São dores que se vão acumulando. Enquanto se está*

*na luta, a gente não é consciente delas. Mas quando pára, nos devora a dor de cada morto, de todos os mortos. E o que mais dói é que na vida clandestina devem ser ocultadas as dores, porque são produzidas por mortos estigmatizados. E essa ocultação faz com que as feridas nunca saiam. As dores ficam, elas se eternizam.*<sup>15</sup>

A perda dos amigos dói porque, para o guerrilheiro, mesmo que seja provisoriamente, de alguma maneira cada amigo preenche o vazio afetivo deixado pela ausência da família e pela ruptura dos elos com a vida social de tempos pretéritos. A memória dos mortos encarna as saudades do guerreiro. A lembrança de momentos vividos reforça, em sua consciência, as marcas de uma profunda contradição: enquanto seu corpo perambula, se desloca em diversas direções, seu coração encontra-se num lugar fixo, num espaço exato, povoado por gente sedentária, que não sai do lugar. É junto da família que o *camarada* quer estar; é para lá que ele quer voltar. *Quando sair daqui, para onde você gostaria de ir?* - perguntei aos guerrilheiros com os quais falei. A resposta foi iterativa: “eu gostaria de morar perto da minha mãe, junto da minha família...”

Enquanto chega a hora de voltar para casa, a solidão emerge como um sentimento coletivamente partilhado. Embora seja uma experiência comum à condição humana, a solidão é intensa e bastante sentida no micro cosmo social guerrilheiro. A solidão do guerrilheiro não se refere à ausência ou à carência de relações sociais; ele a experimenta com o sentimento de estar interiormente só, de perceber que, embora rodeado de muitas pessoas, na maioria dos casos, ninguém possui significado afetivo para ele. Dessa forma, os outros podem fugir, abandoná-lo, traí-lo ou até deixar de existir que ele não vai sentir a falta, pois não há nenhum elo emocional que garanta unidade estável entre os combatentes. É na companhia dos outros que a solidão do guerrilheiro se manifesta mais nitidamente.

## Notas

- 1 As Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia – Exército do Povo (FARC-EP) nasceram na região camponesa de Marquetalia, como um movimento de resistência popular, em 27 de maio de 1964. Esse grupo guerrilheiro começou com 48 combatentes e hoje conta com mais de 16 mil membros.
- 2 *Habitus* é uma noção antiga, usada originariamente, no pensamento aristotélico, sob o nome de *hexis*. Aparece na época medieval, na *Summa Theologiae* de Tomás de Aquino, traduzido no latim como *habitus* (participio passado do verbo *haver* que designa ter ou possuir). O conceito de *habitus* tem sido usado em trabalhos de diversos autores, mas, foi Pierre Bourdieu, na década de 1960, quem o definiu com maior precisão, na tentativa de forjar uma teoria que permitisse desconstruir a oposição entre objetivismo e subjetivismo. Para Bourdieu, mediante o uso do conceito de *habitus*, é possível perceber o modo como a sociedade se explicita, nas pessoas, sob a forma de disposições duráveis ou capacidades treinadas que levam o indivíduo a pensar, sentir e agir de um modo determinado ou, em algumas circunstâncias, a agir em suas respostas criativas aos constrangimentos e solicitações de seu meio social existente. Para se ter uma noção mais precisa do conceito de *habitus* no pensamento de Bourdieu, pode-se ler *Esboço de uma teoria da prática*. Precedido de três estudos de etnologia Kabila. Oeiras: Celta, 1972.
- 3 Estatuto das FARC-EP, capítulo III, artigo 6º.
- 4 LARA, 2001: 37.
- 5 Alguns depoimentos apresentados aos quais resultaram de 27 visitas realizadas em cadeias públicas nos sul da Colômbia, entre janeiro de 2003 e dezembro de 2004. Nas visitas, tive oportunidade de dialogar com mais de uma centena de guerrilheiros que se encontravam na condição de presos.
- 6 SIMMEL (1977: 289-296), analisando as interações entre católicos e luteranos, ou entre castas indianas e colonizadores ingleses, afirma que graças à mediação do ‘ódio social’ muitos grupos reafirmam sua identidade e, conseqüentemente, estabelecem suas diferenças com grupos circundantes. A participação do ódio social dá vida e colorido a relações que, sem o estado de tensão que esse sentimento gera, não poderiam existir. Nesse mesmo linha de pensamento, considero oportuno ler *L’Agressivité* no livro de FREUND, 1982: 131-142.
- 7 Tomado do Cântico “Soldado Brabucon”, da Frente Guerrilheira Comuner del Sur, em fita cassete divulgada sob o título *Busqueda*.
- 8 Em comunicado do Exército Nacional, veiculado pela imprensa em 17 de janeiro de 2000, e, a partir do depoimento de 53 guerrilheiros desertores das FARC-EP, em 1999 foram assassinados 300 guerrilheiros como resultado de uma faxina interna, ocasionada pela suspeita de que as vítimas poderiam se tornar futuros delatores. Informações como essas são veiculadas freqüentemente pela mídia. Contudo, a faxina mais notória foi a que

aconteceu em começos de 1986 em Tacueyo. Javier Delgado, comandante do grupo guerrilheiro que operava na região, chamou a imprensa para informar que tinha executado 158 “infiltrados” do Exército. Para dar mais veracidade a essa informação, apresentou seis homens para serem executados perante os jornalistas convocados. O comandante Delgado afirmou: “Fico orgulhoso de ser o chefe de uma organização que tem executado 158 assassinos do nosso povo”. E concluiu suas declarações, dizendo: “Estou cansado de matar tanto filho da puta” (Ramirez/Restrepo, 1998:246). A justiça estatal, depois de ter investigado o caso, concluiu que a causada suspeita era simplesmente a coincidência dos jovens assassinados usarem um escapulário, o que se explica pelo fato de que todos eram camponeses do Departamento del Valle, região de fortes manifestações de religiosidade católica popular.

- 9 Em Human Rights Watch, 2004: 122.
- 10 Rosa Flor desertou da guerrilha, em outubro de 2002, e foi entrevistada por mim em 16 de janeiro de 2003, sob custódia militar, no Batalhão do Exército Nacional de Ipiales.
- 11 Idem, 2004: 84.
- 12 Em FERRO / URIBE, 2002:71.
- 13 GONZALES, 2002: 36.
- 14 Rosa Flor afirmou que conheceu garotas que ingressaram na guerrilha com doze anos de idade e, mesmo sem ter companheiro sexual, foram obrigadas a usar métodos contraceptivos. Segundo ela, os mais usados são as injeções, comprimidos e, principalmente, o DIU (Dispositivo Intra Uterino). Essa informação foi confirmada em depoimentos de outros guerrilheiros entrevistados. Também a justiça estatal verificou esse fato depois do ataque militar, denominado ‘Operação Berlin’l, liderado pelo Exército contra um grupo guerrilheiro que trafegava pelo oriente colombiano, em dezembro de 2000. Nanecropsia, constatou-se que, das 11 mulheres assassinadas – todas eram menores de 18 anos – 09 usavam o DIU.
- 15 LARA, 2001: 70.

## Referências Bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre (1972). Esboço de uma teoria da prática. Precedido de três estudos de etnologia Kabila. Oeiras: Celta.
- ESTATUTO DE LAS FUERZAS ARMADAS REVOLUCIONARIAS DE COLOMBIA – EJERCITO DEL PUEBLO (1993). Texto sem mais dados sobre sua edição.
- FERRO, Juan Guillermo e URIBE, Graciela (2002). El orden en la guerra. Las Farc-Ep: Entre la organización y la política. Bogotá: Centro Editorial Javeriano.
- FRENTE GUERRILHEIRA COMUNEROS DEL SUR (sem data de publicação). Fita cassete intitulada “Busqueda”.
- FREUND, Julient (1983). Sociologie du Conflit. Paris: Presses Universitaires de France.
- HUMAN RIGHTS WATCH (2004), Aprenderás a no llorar: Niños combatientes en Colômbia. Bogotá: Impresión Editorial Gente Nueva.
- GONZALES U, Guillermo (2002). Los niños de la guerra. Bogotá: Editorial Planeta.
- LARA, Patricia (2001). Las mujeres en la guerra. Bogotá: Editorial Planeta.
- SIMMEL, Georg (1977). Sociologia I. Madrid: Biblioteca de la Revista de Occidente.
- GUEBARA, Ernesto. “Discurso” (16 de abril de 1967). Revista Tricontinental, Suplemento especial. Habana.